

## SAÚDE

# Saúde: Força na Prevenção<sup>1</sup>

*Por Fabiana Oliveira*

*Jornalista*

*E-mail: fabyoan@yahoo.com.br*

Embora o câncer atinja pessoas de todas as classes sociais, devido uma série de complicações, os que mais sofrem com a doença são as mais pobres. Isso porque, sobretudo no caso das mulheres, a dificuldade de acesso aos postos de saúde e questões culturais impedem que um grande número delas realize o exame de Papanicolau ou preventivo, fundamental para detectar precocemente o câncer de mama e do colo do útero, os mais comuns entre as mulheres.

Segundo dados do Instituto Nacional de Câncer, Inca, só em 2006, tivemos no Brasil 48.930 e 19.260, novos casos de câncer de mama e do colo do útero, respectivamente. De acordo com o Instituto, quase 80% dos casos novos de câncer do colo do útero ocorrem em países em desenvolvimento. Isso, pelo menos no Brasil ocorre por diversas razões, que vão desde a dificuldade de acesso ao preventivo à questões culturais, como explica Marcos Félix, que há mais de 10 anos trabalha com programas de prevenção no Instituto:

“As vezes a mulher não procura o posto de saúde para fazer o preventivo por vergonha ou medo, outras vezes é o marido que não permite que ela faça o exame e por último é o próprio SUS que não facilita o acesso, tanto para o exame, quanto para a continuação do tratamento”.

---

<sup>1</sup> Texto publicado inicialmente no site [www.vivafavela.com.br](http://www.vivafavela.com.br)

Mais de 90% dos casos de câncer do colo do útero estão associados ao vírus do papiloma humano, ou HPV, que é transmitido sexualmente. Se as lesões precursoras do câncer do colo do útero forem tratadas, a mulher não desenvolve a doença. Segundo Félix, se diagnosticado no início, existe 100% de chances de cura.

“Uma mulher desenvolver o câncer do colo do útero hoje é um absurdo porque tem a camisinha, que diminui o risco de adquirir o vírus HPV, tem o preventivo que pode diagnosticar o vírus, e muitas vezes elas só procuram o médico quando tem algum sangramento fora do comum ou a doença já está num estágio muito avançado”, diz Félix.

### ***Um grande exemplo***

A professora Fabrícia Costa Correa, de 33 anos, acompanha a mãe ao ginecologista desde criança. A vontade de fazer a primeira consulta surgiu naturalmente aos 15, segundo a jovem, “mais para matar a curiosidade”. Após a primeira consulta Fabrícia passou a ir ao ginecologista periodicamente, e isso, segundo a jovem, foi fundamental para detectar precocemente duas doenças:

“Eu tive mastite aos 18 anos; É um caroço que dá no seio. Seguindo avaliação da ginecologista, fiz tratamento com remédios e ainda bem que resolveu. Agora mais recentemente, descobri que estou com um mioma muito pequeno no útero, que segundo a médica não há necessidade de operar, mas sim acompanhar”.

Fabrícia, que mora no bairro Fonseca, na Zona Norte de Niterói, utilizou o Sistema único de Saúde (SUS) até os 24 anos, que foi quando começou a trabalhar em uma empresa que oferecia aos funcionários Plano de Saúde. As diferenças, segundo a professora foram marcantes; principalmente no tempo de entrega dos resultados de exame.

“Tenho uma amiga que se orgulha de usar o serviço público, mas está a um ano esperando o resultado do preventivo que ela fez. Esperar esse tempo todo por um exame,



quando chega o resultado, já está quase precisando fazer o preventivo de novo”, diz Fabrícia, consciente da necessidade de ir ao ginecologista.

Embora o Ministério da Saúde recomende que o preventivo deva ser feito por mulheres entre 25 e 59 anos, Marcos Félix diz que o exame deve ser feito por todas as mulheres que tenham vida sexual ativa, independente da idade. O exame é simples. A única restrição é não ter relação sexual três dias antes da consulta e não estar no período menstrual, “o que é diferente de estar sangrando”, lembra Marcos.

### ***Prevenir é melhor que remediar***

Para ajudar a desmistificar e fazer com que informações sobre prevenção ao câncer chegue também às camadas mais pobres da população, o Inca lançou uma série de cds com programas informativos sobre diversos tipos de câncer. A idéia é que eles sejam veiculados em rádios comunitárias, levando informação diferenciada para as classes sociais mais baixas.

“São vários programas voltados para o diagnóstico precoce. Todos serão distribuídos gratuitamente. Eles abrem com uma rádio novela que teve a participação de diversos artistas. A maioria de casos de câncer já chega no Inca em estágio muito avançado. Queremos que as pessoas entendam que quanto mais cedo o diagnóstico, maiores são as chances de cura”, aponta Regina Castro, assessora de imprensa do Inca.

Embora os programas sejam direcionados a moradores de áreas com baixo poder econômico, sem distinção de gênero, certamente as mulheres serão as mais beneficiadas, pois os programas também alertam sobre a importância de se realizar o exame preventivo.

“A informação é uma das principais armas para combater o câncer. Para a mulher, por exemplo, ter consciência da importância do exame preventivo pode ser a diferença entre a vida e a morte. É necessário perder o medo e que ela entenda que o câncer tem cura e quanto mais cedo for diagnosticado, maiores são as chances”, explica Cristina Ruas, coordenadora da campanha.

Foi o que aconteceu com a fotógrafa Sílvia Constante. Ela, que ia regularmente ao ginecologista, descobriu, aos 34 anos, que estava com câncer de mama. A rapidez com que foi tratada foi fundamental para o sucesso da cirurgia, realizada no Inca, cerca de dois meses após detectar a doença:

“Descobri que estava com câncer de mama em março desse ano e em maio já estava sendo operada. O cuidado que os médicos tiveram de realizar uma cirurgia reparadora e eu ter saúdo com o peito, após a cirurgia, fez toda diferença na minha recuperação. Não me senti mutilada. A médica diz que tem 70% de chance dele ter origem hormonal, já que sou jovem e não tenho nenhum caso na família”, diz.

Um mês após ser operada, Sílvia já estava fotografando novamente. Ao contrário do câncer do colo do útero, que tem o HPV como principal agente causador, o câncer de mama pode estar associado a diversos fatores, por isso se torna mais difícil uma prevenção primária, mas ainda assim, diagnosticar em estágio inicial é fundamental para bons resultados no tratamento.

Sílvia conta que no início ficou muito abalada, mas a mudança de postura ajudou muito em sua recuperação: “Perdi a fome e fiquei super fraca. Na verdade a gente fica acreditando sempre que foi algum engano. Aí decidi que não podia ficar assim, porque se realmente fosse verdade, meu corpo deveria estar forte. Mudei de postura, resolvi encarar e preparar meu corpo. Deixá-lo forte para poder enfrentar isso. Hoje estou bem e pretendo até em ajudar o Inca em algum trabalho social”, afirma.

## ***Voluntariado e Divulgação***

Quem quiser contribuir também o Inca tem um amplo programa de voluntariado e quem tiver rádio comunitária e quiser adquirir os CDs com os programas, pode entrar em contato com o Inca através do telefone (21) 2506-6607 ou pelo e-mail rcastro@inca.gov.br. Cada cd tem quatro programas semanais de 7 minutos, com participação especial de diversos artistas. Ouça aqui alguns spots:

Tony Garrido

Zeze Mota

Zeca Baleiro